

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Avisos de Tempestade | Os Filmes de Stuart Heisler

13 e 27 de Fevereiro de 2026

I DIED A THOUSAND TIMES / 1955

Morri mil vezes

um filme de Stuart Heisler

Realização: Stuart Heisler / Argumento: W.R. Burnett, baseado no romance de W.R. Burnett, *High Sierra* / Direcção de Fotografia: Ted D. McCord / Música: David Buttolph / Som: Charles Lang / Montagem: Clarence Kolster / Direcção Artística: Edward Carrere / Cenários: William L. Kuehl / Guarda-Roupa: Moss Mabry / Interpretação: Jack Palance (Roy Earle / Roy Collins), Shelley Winters (Marie Garson), Lori Nelson (Velma), Lee Marvin (Babe Kossuck), Pedro Gonzalez Gonzalez (Chico), Lon Chaney Jr (Big Mac), Earl Holliman (Red), Perry Lopez (Louis Mendoza), Richard Davalos (Lon Preisser), Howard St. John (Doc Banton), Nick Adams (mensageiro), Dennis Hopper (Joe), Ralph Moody (Pa Goodhue), Olive Carey (Ma Goodhue), Dub Taylor (Ed), Paul Brinegar (Motorista), James Millican (Jack Kranmer).

Produção: Warner Bros. Pictures, Inc. / Produtor: Willis Goldbeck / Cópia: digital, cor, falada em inglês, com legendagem eletrónica em português / Duração: 109 minutos / Estreia comercial: 9 de Novembro de 1955, Estados Unidos / Estreia em Portugal: 17 de Dezembro de 1956 / Primeira exibição na Cinemateca.

Podemos dizer que **I Died a Thousand Times** é um “remake” muito próximo de **High Sierra** (1941), de Raoul Walsh, que partiu de uma adaptação do mesmo romance de W.R. Burnett, que tinha precisamente o título “High Sierra”, e que filmou duas vezes a mesma história: no já referido **High Sierra**, com Humphrey Bogart, como protagonista, e em **Colorado Territory** (1949), filme posterior em que desloca o universo do filme de gangsters para o western, com Joel McCrea no principal papel. E, se no primeiro desses filmes, o guião foi escrito numa colaboração entre Burnett e John Huston, no filme de Heisler Burnett é creditado a solo.

Estamos agora em meados dos anos cinquenta e, aludindo a esta questão do género dos filmes de gangsters e da Warner, que também produz **I Died a Thousand Times**, M. S. Fonseca já afirmara a propósito de **High Sierra**, feito quatorze anos antes: “É um daqueles casos que muda de figura conforme o vemos como um filme de Raoul Walsh ou de Humphrey Bogart: se o medirmos pela bitola do autor, **High Sierra** representa um notável cometimento, mas um cometimento terminal, surgindo como produto acabado de uma tradição cinematográfica, a dos filmes de gangsters, a que Warner Brothers dedicara nos anos 30 a melhor atenção e algum investimento

(basta lembrar o **Invisible Stripes** ou, para falarmos só de Walsh, o seu **The Roaring Twenties**). Já na carreira do actor, **High Sierra** apresenta-se como um filme que abre – apesar de não serem essas as intenções do realizador ou da companhia produtora – para a criação de um personagem que Bogart passaria de filme para filme, de cineasta para cineasta.”

E se, como também dizia, Walsh trabalhava as convenções do género levando-as a um limite através da introdução de um “momento lírico”, que fazia coincidir a saída de Roy Earle da prisão de uma revelação da natureza através dos espaços abertos que percorre, Heisler fará o mesmo, através do modo como convoca as paisagens montanhosas e o discurso das personagens sobre as mesmas. Pensemos no diálogo de Jack Palance (Roy Earle) com Shelley Winters (Marie), que opõe este espaço mais virginal das montanhas, ao negrume da cidade, para a qual não quer voltar.

E é neste ambiente natural que o mesmo herói trágico volta a falhar, como era de esperar, e os sinais encontram-se por todo o lado. O filme não foi muito bem recebido pela crítica, tanto mais que, como era esperado, insistiam em compará-lo à primeira “versão”, referindo-se mesmo como era estranho insistir-se numa glorificação de um tipo de personagem que de algum modo já estava obsoleta. Não o estava então e não o está agora, se transportarmos tal herói para outros tempos e outras paragens. Jack Palance e Shelley Winters formam uma dupla exemplar, destacando-se Palance. Fulcral e única é a sequência em que Palance visita a jovem mulher, que ajudou a operar, e a encontra envolta num ambiente que não reconhece, que o leva a capitular.

W.R. Burnett, o autor da história, terá preferido **I Died a Thousand Times** a **High Sierra** em termos narrativos porque “limpou” o guião do original. Como afirmou, “É um filme muito melhor, em termos de argumento, embora não visualmente, porque Raoul Walsh fez um trabalho excepcional. Stuart Heisler é também um grande realizador; nunca recebe o crédito que merece.” Se tem alguma razão, muito particularmente no que diz respeito a uma certa invisibilidade de Heisler, **I Died a Thousand Times** é igualmente excepcional em muitos outros planos. Fulcral é para lá da mencionada cena, a sequência em que Palance foge para as montanhas, escondendo-se numa paisagem rochosa magnificamente fotografada, que o conduzirá ao destino trágico esperado. A título de nota, Dennis Hopper tem aqui um dos seus primeiros papeis no cinema.

Joana Ascensão